



REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM NA AVENIDA PAULISTA, SÃO PAULO, SP

Palavras-Chave: Avenida Paulista, Espaço público, Paisagem Urbana

Ana Claudia Meciano Maria, IG, UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Duarte Paes (orientadora), IG, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em meio a uma era de ampla globalização, a cidade de São Paulo, juntamente com a emblemática Avenida Paulista, emerge como um destacado pólo de influência no cenário mundial. Abraçando as demandas globais e irradiando suas próprias necessidades para além das fronteiras. Considerada uma paisagem arquetípica de São Paulo, a Avenida Paulista tenta personificar a essência e a dinâmica da cidade, cujas metamorfoses evoluem em consonância com as exigências da globalização. Desde a sua inauguração, a Avenida Paulista é marcada por diversas transformações, modificando a sua paisagem constantemente. A cada fase de sua evolução, novas intencionalidades e simbologias são evidenciadas em sua formatação e arquitetura.

METODOLOGIA:

Para a realização da pesquisa foi adotada uma metodologia de análise embasada em conceitos geográficos da Paisagem. Entre eles, a conceituação por Milton Santos em sua obra “Metamorfose do espaço habitado” (1988) e Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rozendahl em “Paisagem, Tempo e Cultura” (1998). Para Milton Santos, a paisagem pode ser analisada como forma, ao qual pode ser definida “como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1988, p. 61). Para Corrêa e Rozendahl, o conceito de paisagem engloba as dimensões epistemológicas morfológica e funcional, que dizem respeito à forma e à função do espaço. Atualmente, a essas dimensões são acrescidas também as dimensões histórica e simbólica, que consideram a história do lugar e o significado simbólico que ele carrega para as pessoas e a sociedade.

Desse modo, foi analisada a paisagem de cada período e as suas representações para a sociedade, ademais entendendo como e porque as mudanças ocorreram e como se concretizaram simbolicamente na Avenida.

Outro conceito muito utilizado foi de Espaço Público segundo Gomes (2012): o espaço público pode ser compreendido de duas formas: a primeira relacionada ao aspecto físico/concreto, como praças, avenidas e jardins, onde os problemas podem ganhar visibilidade e reconhecimento através de debates e conflitos, impulsionando soluções e compromissos, e estimulando a participação social ativa. A segunda forma é abstrata e baseia-se na vida política e democrática, permitindo a coexistência harmoniosa da vida comum, compartilhada e respeitosa das diferenças individuais e dos conflitos que emergem no espaço público coabitado.

Por fim, outro conceito orientador da pesquisa é o "forma-conteúdo" de Milton Santos, que representa um processo dialético entre as formas espaciais e as relações sociais. As formas espaciais são criações humanas, podendo ser materiais ou não, e as relações sociais constituem o conteúdo intrínseco dessas formas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A Avenida Paulista é considerada uma das paisagens mais representativas da cidade de São Paulo, desde a implantação dos casarões dos barões do café, às verticalizações de suas edificações para acolher as demandas do mercado e posteriormente para acolher o setor financeiro, aos projetos para transformá-la em um importante espaço público e mais democrático, a Figura 1 evidencia em uma linha do tempo as fases descritas da Paulista. Adicionalmente, o papel da Avenida na centralidade da metrópole também se alterou ao longo dessas fases, respondendo às demandas locais e globais.

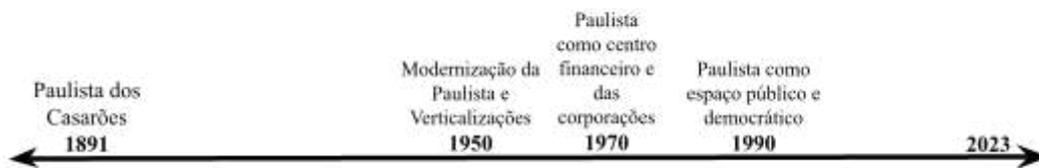


Figura 1. Linha do Tempo - Fases da Avenida Paulista. Elaborado pela autora

A inauguração da Avenida Paulista ocorreu em sincronia com as profundas transformações pelas quais a cidade de São Paulo passava na época. A cidade estava abandonando sua característica colonial e se transformando em um importante centro de capital e concentração populacional.

Criada pelo empresário uruguaio Joaquim Eugênio de Lima em 1891, a avenida foi projetada para evidenciar o status social e a opulência de seus proprietários (Oliveira, 1998, p.216), além de representar a estrutura do crescimento econômico correspondente ao sucesso da atividade cafeeira e industrial. A avenida surgiu a partir de loteamentos que se converteram em bairros residenciais destinados às famílias mais privilegiadas e abastadas da cidade. Localizada em uma região muito elevada, a Paulista era afastada de todos os problemas gerados nos terrenos mais baixos irregulares e próximos de rios, isolando-se fisicamente das classes mais baixas.

Na perspectiva geográfica, a produção social do espaço não é apenas um suporte físico para as práticas sociais. Como afirma Gomes (2012), o espaço geográfico vai além da ideia de suporte e/ou de extensão, pois as disposições físicas dos objetos distribuídos no espaço interagem com as práticas sociais, noção que nos remete a afirmação de Santos (1985) de forma-conteúdo, ou seja, as formas possuem intencionalidades e significados sociais e, por isso, não são somente formas ou materialidades. Em outras palavras, a Avenida Paulista pode ser compreendida tanto através de suas características estéticas e formas de apropriação de espaços privados, como também por meio de seus aspectos econômicos.

A Avenida Paulista sempre teve a intenção de se estabelecer como um ícone representativo da metrópole de São Paulo. A produção dessa imagem urbana, evidenciada pelos grandes casarões, reflete a necessidade da oligarquia cafeeira em exibir poder e riqueza. A construção dos casarões e de obras públicas contou com a significativa participação de trabalhadores italianos, que eram vistos com prestígio e consolidou a transição do colonial para o moderno e trazendo fortes intenções europeizantes da Avenida.



Figura 2. Residência de Adam Von Büllow. Demonstrando a exuberância dos casarões e as influências europeias. FONTE: TOLEDO, Benedito Lima de. Álbum Iconográfico da Avenida Paulista. São Paulo, Editora Ex Libris, 1987, p. 99. Apud SHIBAKI 2007

A primeira fase da Avenida Paulista, termina com o início de sua verticalização. A nova fase que o país estava passando, seguindo por intensa industrialização e pelo crescimento do setor de bens de consumo, tornou as necessidades de urbanização diferentes do que eram no seu início. Neste momento do evento, o processo de produção do espaço seguia as tendências do capital imobiliário e financeiro entrelaçado às necessidades do mercado de consumo e as novas formas de morar segundo a elite paulistana.

A concretização das verticalizações se deu após a valorização imobiliária ser intensificada pela liberação do uso do terreno para atividades terciárias em 1952 (OLIVEIRA, 1998, p.229). Novas formas de ocupação preenchem rapidamente a Avenida, os edifícios comerciais e residenciais dominam o espaço com prédios imponentes e luxuosos querendo transmitir um simbolismo de progresso e modernismo. Por outro lado, as novas formas apenas evidenciaram a nova fase do capitalismo e a necessidade de utilizar o espaço da forma mais produtiva possível, sem demonstrar qualquer preocupação com o desenvolvimento social. Refletindo o caráter econômico e lucrativo que moldou a evolução arquitetônica da Avenida Paulista que imitavam os prédios dos Estados Unidos e Europa.



Figura 3 - Edifício Savoy, construído em 1954, Antigo prédio residencial, hoje dá lugar a escritórios e um restaurante de rede fast food. hoje. FONTE: Mike Peel
(www.mikepeel.net)

A partir da década de 1970, diversos segmentos dirigiram-se para a avenida e o seu entorno, tais como: sede de empresas brasileiras, de instituições financeiras transnacionais; alguns órgãos da administração pública, uma intensa e extensa infraestrutura nos setores de alimentação, transportes, telecomunicações e outros tipos de serviços que poderiam ser classificados como auxiliares ao núcleo produtivo instalado na Avenida Paulista.

A Avenida Paulista estava passando por uma nova e importante transformação em sua paisagem, no modo como era construída e na imagem que projetava. Nesse momento, a avenida se rendeu completamente ao poder do capital e às exigências do mercado. A Paulista estava dominada por grandes corporações, empresas e instituições financeiras. Diante da multiplicação dos edifícios e do crescente fluxo de automóveis e pedestres, diversas obras de alargamento foram realizadas ao longo desta época, derrubando diversas casas e edifícios históricos para dar lugar a enormes espaços vazios de vias de circulação, totalmente impessoais.



Figura 4: Obras de alargamento da Avenida em 1991. FONTE: D'Alessio; Soukef; Albarello, 2002, Avenida Paulista: a síntese da metrópole, p.80-81

Essa nova fase da Avenida Paulista não mais refletia o poder e a luxuosidade da elite paulistana; o cenário da avenida se reconfigurou para atender às necessidades do mundo corporativo, tornando-se a Avenida das corporações e para as corporações. Substituindo os antigos símbolos para projetar a imagem de uma cidade global e cosmopolita, tornando-se o centro de decisões e centro financeiro do país.

Entre as décadas dos anos 90 e 2000, a Paulista começa a dividir suas funções de centralidade financeira com outras avenidas, como a Avenida Luiz Carlos Berrini e a Marginal Pinheiros. Neste mesmo período a Avenida começa a apresentar sinais de deterioração. Após a supervalorização dos terrenos na Paulista, alguns edifícios e residências mais antigas não conseguiam mais se manter ou se conservarem devido aos altos impostos. Dessa forma, a Avenida e as travessas dela começaram a ficar negligenciadas, com as calçadas sujas e imóveis velhos e abandonados.

Nessa conjuntura, surge a Associação Paulista Viva com o propósito de revitalizar a Avenida Paulista, concentrando-se na requalificação e revalorização do espaço. Por influência de diversos interesses públicos e privados a Associação foi criada como uma ONG (Organização não governamental) por um grupo de empresários que visava preservar a Paulista e conservar sua imagem como símbolo da cidade de São Paulo.

Apesar da Avenida apresentar cada vez mais os interesses privados, ela ainda é um espaço em disputa e de conflito. A entrada de diversas atividades comerciais atraiu a população de diversas regiões da cidade, assim, ela tornou-se ponto de encontro para turistas, famílias e grupos sociais, tornando-a mais acessível à população geral e atraindo pequenos comerciantes como ambulantes, os quais encheram as calçadas da avenida. Contudo, esse movimento não passou despercebido, e logo ocorreu a expulsão desses trabalhadores, com o auxílio da imprensa e da elite paulistana. A revista *Veja*, em 1997, publicou uma matéria com título "Liberou geral. Fiscais somem e 400 camelôs tomam conta da Paulista", responsabilizando o prefeito

pela falta de fiscalização que manchava o ‘símbolo’ da cidade de São Paulo’ (VejaSP, 1997, Apud Oliveira, 1998). Tal ação foi facilitada após a entrada dos Batalhões de polícia e de vigília dentro da Paulista pelo projeto da Associação Paulista Viva.

Apesar dos grandes esforços, a Paulista tornou-se um dos maiores encontros de manifestações democráticas e de expressão social e cultural da cidade, fortalecendo o seu uso como espaço público. Para Gomes (2012), há dois tipos de compreensão do espaço público: a primeira refere-se ao aspecto físico/concreto (praça, avenida, jardim etc.), e a segunda refere-se a uma conotação abstrata, fundamentada na vida política e democrática. O espaço físico/concreto pode ser entendido onde os problemas podem obter visibilidade e reconhecimento por meio de debates e conflitos, o que pode, por sua vez, dar origem a soluções e compromissos, é onde se apresenta a participação social ativa. Enquanto a conotação abstrata é vista pela dimensão da atividade que possibilita a coexistência da vida comum, compartilhada e respeitosa das diferenças individuais e dos conflitos que surgem no espaço público coabitado.

Entendendo a Paulista como um importante espaço público que dá visibilidade às mais diversas pautas, e que possuem impacto no país inteiro, a Avenida começa a acolher uma diversidade de formas culturais e pessoas de diferentes classes sociais, tornando-se um espaço de construção de identidades e expressões coletivas. Nesse contexto, diversas forças sociais emergem com o desejo de serem reconhecidas e de terem o poder para transformar sua realidade, tomando a liderança na Avenida Paulista e retirando-a do controle daqueles que visavam apenas o lucro e vantagens com seu território. Agora, a Paulista torna-se um símbolo de resistência e mobilização social.

Tornando-se palco de diversas manifestações políticas e culturais como a Parada do Orgulho LGBTQIA+, protestos de professores/metalúrgicos/motoboys/trabalhadores da saúde/entre outros, impeachment do ex-presidente Collor, a jornada de junho, Marcha para Jesus, Marcha da Maconha. Além de também ser lugar de comemorações com festas e eventos como o Ano Novo na Paulista, comemorações pós Copa do Mundo e Corrida de São Silvestre.

A Avenida Paulista é palco de notáveis metamorfoses que gravam a cidade de São Paulo com distintas marcas em cada estágio evolutivo. Ademais, a concepção e materialização de seu planejamento e construções exprimem exageradas simbologias e intencionalidades que foram anteriormente delineadas e sintetizadas na Figura 5.



Figura 5. Linha do Tempo - Representações da Paisagem da Paulista. Elaborado pela autora

CONCLUSÕES

Ao pesquisar sobre a Avenida Paulista por toda a sua história, pude concluir que durante todos os seus anos ela foi um espaço em disputa. Desde os seus primeiros anos marcada pelos grandes casarões, a Paulista deveria representar o que havia de moderno em São Paulo e deixar para trás o legado colonial. Em sua segunda fase, a cidade de São Paulo estava passando por uma intensa industrialização, e tornou-se um ponto importante de reprodução do capital refletindo diretamente na Avenida Paulista o qual reformulou a sua forma de viver e morar. Neste momento são construídos os primeiros prédios que simbolizavam o progresso e modernismo da cidade, como o Edifício Savoy, um luxuoso hotel e o Edifício do Banco Sul Americano, conservados até hoje. Na fase seguinte da Avenida, é a consolidação como centro financeiro tornando-se sede de inúmeras empresas e bancos, e também de comércios, pequenos escritórios e outros tipos de trabalhos liberais, trazendo diferentes pessoas de toda a cidade de São Paulo. Até o momento em que a Paulista vira palco de manifestações artísticas, políticas, culturais e diversas outras expressões.

Em todas as fases, foi perceptível a tentativa de segregação da elite residente ou dos frequentadores da Avenida em relação ao restante da população, especialmente as classes baixas, desde a sua concepção em um local elevado e de difícil acesso. Ademais, durante as transições entre todas as fases da Paulista, foram lidos relatos de como a Avenida estava “perdendo a essência” e deveria regredir ao que era antes. Na transição dos casarões para as verticalizações contestações eram sobre as casas e árvores darem lugar à concreto e prédios. Já em 1972, na revista *O Estado de São Paulo*, um

jornalista descreveu a avenida como “decadente” após o fim de tradições da Avenida como os desfiles, os antigos cursos de carnaval e outras manifestações culturais que agora davam lugar aos bancos e enormes arranha céus, finalizando com a “morte da avenida que foi a mais representativa de São Paulo e que agora vai morrer para ressurgir transfigurada. [...]” (BRANCO, O Estado de São Paulo, 1971 *apud* SOUKEF, 2002, p.84).

Fica evidente que ao longo de todos os momentos da história da Avenida Paulista, ela sempre enfrentou retaliações em relação às suas mudanças, modernização e democratização. Essa situação não é diferente atualmente, em 2023, onde a elite continua tentando retomar o controle da avenida para si e segregando as populações que a frequentam. Além disso, a elite resiste à ideia de alterar a representação e a reprodução da Paulista, preservando-a como símbolo de uma aristocracia, sem permitir que seja um símbolo popular. Um exemplo disso é o hotel Cidade Matarazzo, o qual está tornando em privado um patrimônio histórico que já foi tombado, mas após negociações vão transformá-lo em um hotel luxuoso cheio de vieses ecológico, cultural e artístico, mas que apesar do projeto propor o acesso a todos ao complexo, principalmente à área cultural, as fronteiras simbólicas do consumo distintivo de classe dificilmente permitirão o ingresso das camadas mais populares da população para o usufruto de uma classe social minoritária e elitizada. No site oficial do hotel, eles se auto-intitula o novo “símbolo de São Paulo”¹, enfatizando a imagem que acreditam que a cidade deve projetar, excluindo qualquer associação com manifestações políticas, culturais, artísticas, e outras expressões populares que ocorrem frequentemente na Avenida.

REFERÊNCIAS

- BUENO DE MORAES, F.L.M. (1995) “Estudo crítico e histórico da avenida Paulista”. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de mestrado.
- CORDEIRO, A. T., MELLO, S. C. B., & BASTOS, A. F. S. (2019). Aqui é a nossa praia! Apropriação e uso da avenida paulista no contexto de políticas de desenvolvimento urbano. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11, e20180104. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180104>
- CORRÊA, Roberto Lobato. PROCESSO, FORMA E SIGNIFICADO UMA BREVE CONSIDERAÇÃO. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, [s. l.], 10 nov. 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 7-11. (Série Geografia Cultural).
- OLIVEIRA, Marcelo Augusto Nahuz de. “Avenida Paulista: a produção contemporânea de uma paisagem de poder” In: ARANTES, Antonio (Org.) *O espaço da diferença*, Editora Papirus, 1998.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Espaço público, espaços públicos*. GEOgraphia, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 20, n. 44, p. 247-255, set./dez. 2018.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço*. *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 19-42, 2012.
- HETEM, Natália; ZEIN, Ruth Verde. Cidade Matarazzo: feito por quem. *XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo*, São Paulo, 15 jun. 2020.
- SANTOS, M. – Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SHIBAKI, Viviane Veiga. *Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone da metrópole de São Paulo*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SOUKEF, Antônio; D’ALESSIO, Vito; ALBARELLO, Eduardo. *Avenida Paulista: a síntese da metrópole*. São Paulo: Dialetto Latin American Documentary, 2002.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 19

¹ Disponível em: <<https://conceito.cidadematarazzo.com.br/5/>> Acesso em: 09/03/2022